

**GESTANDO UMA UNIVERSIDADE DESPATRIARCALIZADA: MAPEAMENTO  
DAS AÇÕES DO GRUPO DE ESTUDO EM GÊNERO, INTERSECCIONALIDADE E  
PARENTALIDADE – GIPE.**

Kássia Mota de Sousa<sup>1</sup>, Daiane Pereira Soares<sup>2</sup>, Diego da Silva<sup>3</sup>, Josefa Jaqueline Batista Brito<sup>4</sup>, Juliana Silva Santana<sup>5</sup>, Mariana Moreira de Queiroga<sup>6</sup>.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [kassia.mota@professor.ufcg.edu.br](mailto:kassia.mota@professor.ufcg.edu.br);

<sup>2</sup> Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [daiane.pereira@estudante.ufcg.edu.br](mailto:daiane.pereira@estudante.ufcg.edu.br);

<sup>3</sup> Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, [diego.silva@estudante.ufcg.edu.br](mailto:diego.silva@estudante.ufcg.edu.br);

<sup>4</sup> Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [britojaqueline249@gmail.com](mailto:britojaqueline249@gmail.com);

<sup>5</sup> Universidade Estadual do Ceará – UECE, [juliana.santana@uece.br](mailto:juliana.santana@uece.br);

<sup>6</sup> Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, [marianamoreira201342@gmail.com](mailto:marianamoreira201342@gmail.com).

### **Propósito**

Este artigo tem como propósito mapear experiências realizadas no âmbito do Grupo de Estudos em Gênero, Interseccionalidade e Parentalidade – GIPE que se constituem como práticas acadêmicas geradoras de uma universidade despatriarcalizada.

O Brasil é um país de estreitas oportunidades para as mulheres pobres, nordestinas, negras, mães, especialmente no campo do Ensino Superior, onde o debate acerca das cotas raciais ainda é tema polêmico e onde as jovens pobres ainda têm sua vida escolar atravessada pelos trabalhos domésticos que disputam seus tempos e suas forças. Somos também um país expoente nos números de gravidez e casamentos na infância e juventude. A prosperidade acadêmica de mulheres, neste contexto, só se materializa coletivamente, neste sentido é que alçamos a experiência de constituição de um grupo de estudos que realiza ações de ensino, pesquisa e extensão, reunindo mulheres, professoras e graduandas de Universidades públicas do Nordeste, em diálogo com a teoria feminista negra, decolonial, despatriarcal e interseccional (Hooks, 2019; Zakaria, 2021), desenvolvendo experiências e estratégias para a formação intelectual de mulheres.

Aqui nos propomos a constituir uma base de dados que permita compreender de que forma o desenvolvimento sistemático de ensino, pesquisa e extensão ancorados na perspectiva de gênero, de abordagem interseccional e antipatriarcal, possibilita a organização de mudanças estruturais, acadêmicas, políticas para a promoção de uma universidade com equidade de gênero.

### **Revisão da literatura**

Teórico-metodologicamente nos amparamos nos estudos de gênero com abordagem feminista, decolonial e interseccional, para explicar as estruturas invisíveis que dificultam e/ou impossibilitam a ascensão e as experiências de distintas mulheres no espaço da Universidade. Neste sentido, temos dialogado bastante com a produção das mulheres autoras da América Latina, que produzem a partir da perspectiva interseccional, decolonial e antipatriarcal, por considerarmos que estas mulheres produzem a partir de um lugar teórico-político comum a nós, por negarmos a possibilidade de uma mudança definitiva no marco, apenas, dos movimentos feministas, por compreendermos que sobre nossos corpos e mentes atua um sistema complexo de opressão que só pode ter fim a partir da despatriarcalização da sociedade. Desse modo, neste texto, nos ancoramos em Galindo (2013), para compreender o que significa o sistema patriarcal, vejamos:

Todas las feministas que utilizamos la categoría de “patriarcado” para nuestro análisis sociopolítico, partimos del hecho de definir el patriarcado como un sistema de opresiones y no como única y lineal. Esto implica que el patriarcado no es la discriminación de las mujeres, sino la construcción de todas la jerarquías sociales, superpuestas unas sobre otras y fundadas en privilegios masculinos. Cuando hablamos patriarcado, estamos hablando de la base donde se sustentan todas las opresiones; es un conjunto complejo de jerarquías sociales expresadas en relaciones económicas, culturales, religiosas, militares, simbólicas cotidianas e históricas. Las feministas que usamos la categoría del “patriarcado” para explicarnos el lugar das mujeres a un fenómeno cultural que será cambiado por la vía de la educación y del cambio de valores. (Galindo, 2013, p.94).

Assim constitui-se o GIPE como uma estrutura acadêmica guarda-chuva que acolhe propostas na perspectiva de compreensão de que as questões de classe, sexo, gênero, raça,

nacionalidade, pertencimento étnico, religioso e muitas outras identidades atuam de forma sincrônica na definição dos espaços, sujeitos e questões visíveis para a universidade e para a ciência invisibilizando mulheres, mães, negras, nordestinas. É em contraponto a esta realidade que experiências produzidas no âmbito da academia desorganizam esta estrutura patriarcal que, conforme Galindo (2013), são fundamentais e precisam ser mapeadas, analisadas e propagadas para subsidiar teórico-metodologicamente a produção de uma universidade antipatriarcal.

### **Procedimentos metodológicos**

Para a produção deste artigo realizamos um mapeamento das atividades realizadas pelo GIPE. Esta ação exploratória nos permitiu vislumbrar as ações e produções do grupo para a compreensão dos sujeitos envolvidos, dos desafios enfrentados e dos resultados alcançados.

Como abordagem metodológica, utilizamos os procedimentos do Mapeamento na Pesquisa Educacional. Os dados foram constituídos a partir da produção (atividades de ensino, pesquisa e extensão) do GIPE institucionalizadas nas instituições de ensino onde estão localizadas suas participantes. Conforme Biembengut (2008) o mapeamento nas pesquisas educacionais, nossa área de atuação, podem ser abordados sob dois enfoques: o primeiro consiste em mapear, ou seja, organizar os dados ou entes de forma harmônica de maneira a oferecer um quadro completo deles, uma representação, um mapa onde conste o que for significativo e relevante e; o segundo, mais completo, além da organização dos dados ou entes da pesquisa, consiste em compreendê-los em sua estrutura e em seus traços. Neste artigo trabalhamos no primeiro enfoque, considerando que deste mapeamento desdobrar-se futuras análises e produções.

Levantar, classificar e organizar tais dados de forma a tornarem mais aparentes as questões a serem avaliadas; reconhecer padrões, evidências, traços comuns ou peculiares, ou ainda, características indicadoras de relações genéricas, tendo como referência o espaço geográfico, o tempo, a história, a cultura, os valores, as crenças e as ideias dos entes envolvidos análise.” (Biembengut, 2008, p.74).

Assim, nosso mapeamento apresenta o conjunto de ações desenvolvidos pelo GIPE, identificando pesquisadoras, instituições envolvidas, produtos e resultados, organizando uma base de dados para futuras análises aprofundadas.

## Resultados

O GIPE iniciado em 2020, durante a pandemia do COVID 19, a partir de um projeto de iniciação científica, com uma única bolsista e três estudantes voluntárias, orientadora e coorientadora. Organiza-se hoje como grupo cadastrado no CNPq como linha de pesquisa do Grupo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Educação, Linguagem e Práticas Sociais – GIEPELPS conta com 11 pesquisadoras e com uma estrutura interinstitucional, de alcance regional, atuando nos estados do Ceará e Paraíba. Abaixo o quadro síntese do mapeamento aqui proposto, organiza dados que analisados posteriormente permitirão um estudo rigorosamente científico para delimitação da pertinência da atuação do grupo para a organização de estruturas universitárias antipatriarcais.

**Tabela 1 - Mapeamento das atividades no âmbito do grupo de estudos sobre Gênero, Interseccionalidade e Parentalidade na Educação (GIPE)**

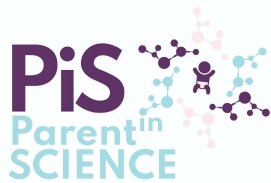
Tipo	Título	Bolsista e/ou pesquisadora	Ano
Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFCG)	Mama África: Narrativas de Mães trabalhadoras da Educação sobre o cotidiano no isolamento social decorrente da pandemia da COVID-19.	Kethley Horranna Bezerra da Silva	2020-2021
	Trabalho docente e trabalho parental durante a pandemia da COVID-19: repercussões da pandemia no contexto de trabalho de docentes mães.	Joselha Marculino de Lima	2021-2022
	Políticas Públicas Institucionais de Gênero e Maternidade nas Universidades Federais do Brasil	Mariana Moreira de Queiroga	2022-2023
Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PROBEX/UFCG)	Mulheres Acadêmicas Ensinam (MÃES)	Daiane Pereira Soares e Josefa Jaqueline Batista Brito	2022
	Rede Mães	Rackelly Cabral Alves	2023
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)	A influência da maternidade na atuação acadêmica da mulher: estudo sobre as docentes do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG	Tereza Karine dos Rêz	2023

	Hoje eu me pari: escrituras como ato de descobertas e resistências acerca da trajetória acadêmica	Daiane Pereira Soares	2023
	A construção do ser universitária: reflexões acerca dos percursos casa-universidade-casa.	Josefa Jaqueline Batista Brito	2023
	“Vivências e desafios da maternidade na carreira acadêmica por alunas de uma graduação pública”	Eloá Cristina Arruda Martins	2022
	Entre o colo e o lattes: dilemas e esperanças na conciliação maternidade e vida acadêmica (em andamento)	Karla Nadjla Gomes Feitosa e Juliana Silva Santana	2024
Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (BICT/ FUNCAP – UECE) em andamento	"Começa em casa" - mães graduandas em Pedagogia e a formação antirracista de seus filhos	Karla Nadjla Gomes Feitosa	2023-2024

Fonte: Arquivo da Pesquisa, 2024.

### **Implicações da pesquisa**

O Grupo de estudos sobre Gênero, Interseccionalidade e Parentalidade na Educação (GIPE) implica, em si, um rompimento com a estrutura patriarcal, eurocêntrica e brancocêntrica que afunila oportunidades acadêmicas àquelas/es que não representam tal natureza. É formado, sobretudo, por mulheres negras, mães, nordestinas dentre outras interseccionalidades ditas marginais. No entanto, afastando-se das margens e atravessando as entranhas da universidade (ensino, pesquisa e extensão) como mostra o mapeamento, estamos produzindo ciência engajada, amorosa, política e despatriarcal ao acessibilizar, através do formato “grupo de estudos”, uma rede de apoio às cientistas que sozinhas, estariam enfraquecidas pelos impactos da estrutura, mas que juntas estão refletindo sobre temáticas urgentes, construindo dados historicamente e sistematicamente invisibilizados e produzindo análises que se somam à tantas outras frentes feministas de luta (acadêmica e social).



IV SIMPÓSIO BRASILEIRO SOBRE  
MATERNIDADE E CIÊNCIA - 2024

## REFERÊNCIAS

BIEMBENGUT, Maria Salett. Mapeamento na Pesquisa Educacional. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2008.

GALINDO, M., No se puede descolonizar sin despatriarcaliar. Teoría y propuesta de la despatriarcalización, Mujeres Creando, 2011.

HOOKS, bell. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo, Elefante, 2019.

ZAKARIA, Rafia. Contra o feminismo branco. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.